

# geografias anarquistas: uma breve genealogia

*simon springer*

“a teoria anarquista é uma teoria geográfica”  
richard peet

## Introdução

Anarquismo e geografia têm uma longa relação de proximidade. Como todo extenso romance, houve períodos de adensado engajamento e conexão, e tempos quando ambivalências, e mesmo separações, aconteceram. Ainda assim, se aceitamos o anarquismo como o desmantelamento das desiguais relações de poder e a busca por reorganizar o modo como vivemos no mundo em condições mais igualitárias, voluntárias, altruístas e cooperativas, é preciso considerar o anarquismo como uma iniciativa geográfica. Ao mesmo tempo, se a geografia deve ser compreendida como “um meio para dissipar (...) preconceitos e criar outros sentimentos mais dignos de humanidade”<sup>1</sup>, o anarquismo tem muito a contribuir para a consecução desse projeto. Nesse sentido, o final

*Simon Springer é professor e pesquisador no Departamento de Geografia da Universidade de Victoria, Canadá. Contato: simonspringer@gmail.com.*



do século XIX viu florescer os escritos geográficos de influentes filósofos anarquistas como Piotr Kropotkin<sup>2</sup> e Élisée Reclus<sup>3</sup>, ambos geógrafos muito respeitados nos tempos e espaços em que viveram, tendo contribuído muito para o ambiente intelectual daquele momento histórico. Ainda que o engajamento explícito de seus trabalhos tenha perdido relevância após suas mortes, já no início do século XX o impacto desses dois pensadores visionários continuou a reverberar na teoria geográfica contemporânea, influenciando desde como geógrafos pensam etnicidade e “raça”, passando pelo questionamento da organização social e da acumulação de capital, pelas conceitualizações do planejamento urbano e regional, até as discussões em torno do ambientalismo.

A perspectiva antiautoritária e o interesse crítico pela justiça social que Reclus e Kropotkin registraram em seus trabalhos parecem ter, infelizmente, saltado algumas gerações, uma vez que os tempos de guerra, nas décadas iniciais do século XX, fizeram com que as atenções se concentrassem em temas de *realpolitik*, ao passo que a chamada “revolução quantitativa” tomou de assalto a geografia logo após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, no compasso da emergência da Nova Esquerda<sup>4</sup> e dos movimentos de contracultura nos anos 1960 e 1970, o anarquismo voltou à tona, mobilizando o sério interesse de geógrafos que trabalhavam com teorias em campos como o marxista, o feminista, o pós-estruturalista, além de autores próximos da própria tradição anarquista. Essa retomada da atenção sobre os anarquismos deu o tom do que é hoje conhecido como “geografia radical”<sup>5</sup>. As décadas de 1980 e 1990, ao contrário, foram marcadas por um período de retrocesso, ainda que naqueles anos continuassem sen-



do produzidas algumas importantes pesquisas que mobilizavam, simultaneamente, inquietações geográficas e anarquistas. Mais recentemente, num contexto de intensificação das práticas neoliberais e aprofundamento da crise financeira, revoltas eclodiram — como as do movimento Occupy e da Primavera Árabe —, fazendo com que práticas e saberes anarquistas voltassem a ter maior visibilidade. Nesse momento, uma nova geração de geógrafos tem desafiado as fronteiras da geografia radical ao colocar o anarquismo no centro de suas práticas, teorias, pedagogias e metodologias. Enquanto o castelo de cartas que o capitalismo construiu lentamente colapsa sobre o próprio peso, um dos resultados tem sido o renovado interesse pelo anarquismo dentro e fora da academia. Sendo a geografia um empreendimento acadêmico que se orgulha por percorrer variados caminhos propostos por diferentes disciplinas, é de crucial importância para os geógrafos envolverem-se nessa conversação com o anarquismo.

Esse artigo tem o objetivo de revisar a literatura existente sobre geografias anarquistas. Assim, reconstituem-se as diferentes origens, desenvolvimentos, emergências, declínios e renovações do pensamento anarquista no campo geográfico. Os leitores notarão que o texto não pretende oferecer uma visão geral ou avaliação das várias geografias do anarquismo que têm sido experimentadas em diferentes lugares, ou das táticas espaciais que anarquistas vêm usando para resistir a variadas formas de dominação. Nesse sentido, compreende-se *geografias anarquistas* como o terreno teórico no qual o anarquismo estabeleceu-se como uma filosofia política, em oposição às geografias do anarquismo que representam práticas anarquistas. Essa é,



de fato, uma falsa dicotomia que serve apenas aos limites da exposição desse texto, especialmente porque a ação direta é um princípio fundamental da tradição anarquista, no qual o pensamento (geografias anarquistas) nunca é separável das práticas (geografias do anarquismo). No entanto, pelas limitações de espaço, foi necessário adotar um foco específico, indicando que um mapeamento inicial através da literatura acadêmica pode ser um exercício produtivo.

A decisão de focar no pensamento anarquista deveu-se, também, a motivos históricos. Os engajamentos iniciais entre geografia e anarquismo deram-se primordialmente no campo do pensamento, contribuindo pouco para a organização da atividade anarquista<sup>6</sup>. Como lamentam Blunt e Wills, “é frustrante que Kropotkin e Reclus não tenham combinado suas ideias anarquistas com suas atividades geográficas, como talvez fizessem hoje”<sup>7</sup>. Não obstante, a redução da presença do anarquismo na geografia acadêmica desde os tempos de Reclus e Kropotkin não foi, necessariamente, sinal de um declínio do anarquismo como um pensamento político relevante. Ao contrário, talvez indique como o anarquismo trocou a academia pelos campos mais verdejantes das práticas sociais efervescentes nas ruas enquanto ação direta, desobediência civil e nas táticas Black Blocs; nas comunas e comunidades do movimento cooperativo (*co-operative movement*); entre ativistas adeptos do “faça você mesmo” (*do it yourself*, na expressão em inglês) e num amplo leque de pequenos grupos de ajuda-mútua, redes e iniciativas autônomas; em associações de produtores, sindicatos e uniões de crédito; on-line, por meio de compartilhamento direto de informações e arquivos eletrônicos, softwares



abertos e *wikis*; nos bairros mais pobres como redes autônomas de apoio a imigrantes e nos centros sociais radicais; e, mais amplamente, nas mais diversas atividades cotidianas.

Quanto mais nos aproximamos do tempo presente, mais a literatura acadêmica se volta à apreciação da *práxis*, quando um número de geógrafos passou a identificar-se com o anarquismo, fazendo com que crescesse a atenção tanto ao campo da teoria quanto ao das práticas. Os leitores desse artigo devem considerar, portanto, a literatura sobre as *geografias anarquistas* aqui citada como uma brecha para explorar mais a fundo as geografias do anarquismo que têm se estabelecido inventivamente em diferentes contextos e, mais precisamente, como um ponto de partida para ativarem o anarquismo no dia a dia de suas vidas. Ao mesmo tempo, espera-se que este texto encoraje outros geógrafos a explorar o pensamento e a prática anarquistas. O anarquismo oferece um terreno rico e fértil àqueles que trabalham na perspectiva geográfica; para que nele muito floresça, só é preciso mais pessoas dispostas a cultivar esse solo dadivoso.

## As origens das geografias anarquistas

Os registros antropológicos confirmam que antes da emergência da escrita, as sociedades humanas haviam se estabelecido sem autoridade formal, de modo que apenas com o despontar das sociedades hierarquizadas surgiu a necessidade de se formular críticas filosófico-políticas às instituições políticas coercitivas<sup>8</sup>. Assim, muitos procuraram traçar as origens do pensamento anarquista em épocas remotas e em filosofias como o taoísmo na antiga



China<sup>9</sup>, enquanto outros notaram que o primeiro uso da palavra *anarchos*, no sentido de “ausência de governante” — a partir da qual surgiu a palavra anarquia — emergiu na Europa, também em tempos antigos, remontando aos tempos da *Iliada* de Homero<sup>10</sup>. Ainda que tais elementos devam ser reconhecidos como importantes antecedentes históricos, é difícil admiti-los como parte da atual genealogia do anarquismo.

O anarquismo é uma filosofia política moderna, nascida do pensamento iluminista, tendo em William Godwin o “primeiro a formular as concepções política e econômica do anarquismo, ainda que ele não tenha conferido esse nome às ideias desenvolvidas em seu trabalho”<sup>11</sup>. Seu livro *Inquérito sobre a Justiça Política* lançou as bases para uma crítica contra o governo e as correlatas instituições da propriedade, da monarquia e da lei como impedimentos ao natural e inevitável “progresso” da humanidade<sup>12</sup>. O foco de Godwin no Estado ofereceu uma implícita abordagem geográfica ao pensamento anarquista, de modo que, quando Pierre-Joseph Proudhon passa a escrever, o primeiro a explicitamente autodenominar-se *anarquista*, já havia a possibilidade de se produzir um edifício filosófico profundamente interessado pelos meios com os quais os seres humanos iriam arranjar, ordenar e codificar suas relações *no* e *através do* espaço, a partir dos efeitos da Revolução Industrial. Em seu livro fundamental, *O que é a propriedade? Ou, uma investigação sobre o princípio do Direito e do Governo*, de 1840, Proudhon atacou a propriedade, considerando-a como a instituição que sancionava o roubo sobre o que era comum a todos. Ao alinhar o proprietário ao soberano, ele conceituou uma geografia relacional entre a propriedade e o Estado. Ainda



assim, sua ira não se limitou a essas duas instituições. Proudhon também atacou as noções de lucro, trabalho assalariado, exploração do trabalhador, capitalismo e a teologia cristã — fato que influenciou profundamente o jovem Karl Marx, que confirmou naqueles tempos que o anarquismo e o marxismo faziam, ambos, partes da mesma linhagem do pensamento socialista. Proudhon aplicou o termo “mutualismo” para dar forma a sua concepção econômica do anarquismo, prefigurando os trabalhadores como força diretamente envolvida no controle dos meios de produção, que ele encarava como a única forma legítima de “propriedade”.

Escrevendo na mesma época histórica de Proudhon, Mikhail Bakunin contribuiu muito para o pensamento anarquista, ainda que tenha permanecido como um enigma a fomentar grande controvérsia desde seus tempos de luta e militância até hoje<sup>13</sup>. O que é evidente na perspectiva de Bakunin é seu arraigado ódio contra as condições sociopolíticas em que viveu, e, próximo de Proudhon, tal repúdio manifestou-se como uma completa desconfiança do Estado. Sua visão do Estado estava diretamente relacionada a suas crenças com relação à humanidade, uma vez que definia as pessoas como iguais, naturalmente sociáveis, propensas ao exercício da solidariedade e à liberdade<sup>14</sup>. Desse modo, o anarquismo de Bakunin focava no problema de estabelecer uma sociedade livre num contexto de igualitarismo e mútua interação. A organização das sociedades na forma estatal era, para Bakunin, completamente artificial e inaceitável. Ele argumentava que a territorializada instituição do Estado era, por si própria, violenta e antissocial, negando ativamente modos diferentes de organização não-



hierárquica que contemplariam as necessidades da humanidade<sup>15</sup>. Sua pessimista visão do Estado levou a uma intensa discordância com Marx que, com o passar dos acontecimentos históricos, mostrou-se precisa: para Bakunin, um governo dos trabalhadores e uma ditadura do proletariado produziriam nada mais que Estados burocrático-policiais. Essa é uma das questões que — enraizada na estruturação das organizações espaço-temporais — continua a animar as preocupações e interesses de muitos anarquistas contemporâneos.

As ideias de Bakunin e de Proudhon foram muito influentes na Europa da segunda metade do século XIX, tendo contribuído muito para a formação da Primeira Internacional, em 1864, e, na sequência, da Comuna de Paris, em 1871, quando trabalhadores derrubaram o governo municipal num surpreendente levante antiautoritário<sup>16</sup>. Esses acontecimentos demonstram as linhas de contato e tensão entre anarquismo e socialismo presentes desde seus primeiros momentos, uma vez que Proudhon e Bakunin encararam as posições de Marx em muitos momentos ao longo da história dos movimentos libertários, defendendo uma versão mais emancipatória do socialismo que, para eles, era o anarquismo. Ao fazerem uma crítica libertária do socialismo e do liberalismo, o anarquismo foi tido, e continua a sê-lo, como uma franca alternativa ao capitalismo. Os esforços contemporâneos da direita libertariana em se apropriar do anarquismo para a sua autointitulada versão do “anarquismo de livre-mercado” ou “anarcocapitalismo” não tem qualquer conexão com a tradição intelectual e história do pensamento político e da prática anarquistas. Embora clamando pela eliminação do Estado, o sistema político que propõem baseia-se



não no coletivo, igualitário e democrático autogoverno cotidiano, mas numa distorcida noção de neo-darwinismo social que promove a soberania individual e a ideia da sobrevivência do mais forte no jogo do mercado. Desse modo, “anarcocapitalismo” é um oxímoro, já que está totalmente imbricado no sistema capitalista de dominação que anarquistas há tempo procuram abolir.

### **A emergência das geografias anarquistas**

A partir da tácita moldura geográfica que Proudhon e Bakunin legaram às bases do pensamento anarquista, talvez não seja surpreendente que Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, dois dos mais renomados filósofos do anarquismo, também tenham sido geógrafos. A principal contribuição de Reclus, além de conceber a expressão “geografia social”<sup>17</sup>, foi seu conjunto de ideias libertárias registradas meticulosamente em *Nouvelle Géographie Universelle: la Terre et les hommes* (*Nova Geografia Universal: a Terra e os Homens*)<sup>18</sup>. Reclus vislumbrava uma conexão entre a humanidade e a Terra, compreendendo-a como a natureza autor-consciente. Ainda que o universalismo impresso em seu pensamento seja considerado ultrapassado diante da atual influência do pós-estruturalismo na academia, não é possível ignorar a grande influência que sua ética social e ecológica teve na produção do pensamento radical, que ampliou muito os limites do que se conhece comumente sobre o anarquismo. Reclus era comprometido com o princípio de estender a compaixão, o altruísmo e a capacidade de amar para além dos laços familiares imediatos, das nações ou mesmo das espécies, num processo que, segundo sua aposta, desabilitaria e diminuiria todas as formas de dominação.



No caminho da humanidade em direção a um planeta com maior consciência, Reclus corajosamente acreditava que essa trajetória de empatia recíproca, generosidade e respeito ajudaria o mundo a descobrir coletivamente um mais profundo significado emocional em nossas experiências compartilhadas enquanto terráqueos<sup>19</sup>. Muito tempo antes das questões subjetivas colocarem temas relacionados às emoções no campo da geografia crítica, Reclus já havia estabelecido uma “geografia do cuidado”, tal como defendida por Lawson<sup>20</sup>.

De acordo com essa visão holística sobre um sistema planetário unido por afinidade e afetividade, Reclus defendia a conservação da natureza, opunha-se à crueldade contra os animais e praticava o vegetarianismo, antecipando, assim, a contemporânea ecologia social e o movimento pelos direitos dos animais<sup>21</sup>, além de anunciar o anarquismo vegano<sup>22</sup>.

A obra de Kropotkin, mesmo muito inspirada por Reclus, ganhou mais atenção com trabalhos influentes como *A conquista do pão*, de 1892, e *Campos, fábricas e oficinas*, de 1912, hoje considerados marcos da filosofia anarquista. Kropotkin desenvolveu suas ideias, ao menos parcialmente, em resposta ao darwinismo social de seu tempo, ao questionar o conceito de competição como o princípio básico da evolução e, em especial, seu uso para racionalizar e naturalizar a dominação capitalista. O anarquista russo acreditava num modo mais harmônico de vida, no qual a cooperação seria possível, sendo capaz de oferecer uma base científica à ideia de que a ajuda mútua era, de fato, a ordem natural das coisas. Nesse sentido, o capitalismo seria uma afronta à liberdade humana ao promover o privilégio, a escassez e a pobreza.



Os muitos anos passados na Sibéria quando jovem provocaram, em Kropotkin, um grande impacto, permitindo-lhe observar diretamente a cooperação, tanto entre animais não-humanos, quanto entre pessoas pertencentes às sociedades pré-feudais que lá viviam. Essa experiência lhe fez concluir que a ajuda mútua e a cooperação voluntária são os mais importantes fatores na evolução de muitas espécies, incluindo os humanos, fomentando habilidades para a sobrevivência. Seu período na Sibéria instilou em Kropotkin uma imaginação geográfica diferenciada dos marxistas, ao enfatizar não a centralidade do trabalhador industrial, mas o trabalhador da agricultura, da produção local, da organização descentralizada da vida rural. Isso lhe permitiu conceber um lugar para a autossuficiência em sua reflexão, além de colocar em xeque a necessidade de um governo centralizado<sup>23</sup>. A partir de suas experiências, observações e viagens, Kropotkin também passou a ver o ensino da geografia, especialmente para crianças, como um exercício intelectual emancipador, na medida em que permitiria não apenas despertar as pessoas para as harmonias da natureza, como também ajudar a dissipar os preconceitos nacionalistas e racistas: uma promessa que a geografia, ainda hoje, sustenta.

Ao passo em que as intersecções entre anarquismo e geografia tornaram-se menos evidentes ao longo do século XX, as ideias anarquistas permaneceram vitais no campo das ideias radicais. Um dos maiores exemplos dessa vibração é a influência de Emma Goldman, anarquista russa que trouxe o anarquismo para uma conversação direta com o feminismo e, ao fazê-lo, virou uma nova página em direção às geografias anarquistas. Mesmo



não sendo uma geógrafa de formação, e ainda que não tenha diretamente se engajado no pensamento geográfico, seu foco nas estruturas institucionais de dominação que existem além do Estado lançaram luzes para compreender o corpo como um espaço para a política radical. Goldman foi uma contumaz opositora do casamento, manifestou-se contra a homofobia e promoveu o amor livre, tomando a questão das sexualidades, e especificamente a da liberdade de escolha, como um tema crucial para a liberação<sup>24</sup>. Sua preocupação com o bem-estar do indivíduo estendeu-se para um comprometimento com o ateísmo como um anteparo contra aquilo que via como a perpetuação de uma sociedade escrava e da falsa promessa do paraíso. Além disso, Goldman posicionou-se pela liberdade de expressão como um elemento fundamental para a mudança social, enquanto compreendida as prisões como um sistema econômico comprometido não com a justiça, mas com a penalização do pobre<sup>25</sup>.

Ao final da vida, Goldman foi à Espanha para apoiar a revolução anarquista, momento em que camponeses e trabalhadores tomaram o controle de Barcelona e de amplas regiões da Espanha rural, entre 1936 e 1939, coletivizando terras e implementando princípios organizativos anarquistas<sup>26</sup>. Esse acontecimento da revolução anarquista na Espanha mostrou ao mundo que o anarquismo podia funcionar na prática, sendo por isso evocado até hoje por anarquistas como um dos mais exitosos momentos da história das ideias e práticas libertárias<sup>27</sup>.

Duas décadas após a morte de Goldman, Murray Bookchin recuperou o foco ambientalista de Reclus, desenvolvendo sua crítica anarquista naquilo que denominou como “ecologia social” e que compreende os



problemas ecológicos como intrinsicamente atados — e muitas vezes como o resultado — de problemas sociais. Em *Our Synthetic Environment*, de 1962, Bookchin publicou uma aguerrida crítica a problemas ambientais. O livro, que recebeu pouca atenção talvez pelo seu radicalismo, antecedeu em sete meses a publicação de outro, dessa vez muito influente, escrito por Rachel Carson: *A primavera silenciosa*. Muito influenciado pelo naturalismo ético de Reclus e Kropotkin, ao longo dos anos 1960 Bookchin promoveu suas ideias libertárias e ecológicas entre os movimentos de contracultura por meio de uma série de ensaios pioneiros compilados, em 1971, no livro *Post-Scarcity Anarchism*. Colin Ward também publicou um considerável número de influentes escritos nessa mesma época, incluindo *Anarchy in action*, em 1973, *Housing: an Anarchist Approach*, em 1976, e seu livro mais conhecido, *The Child and the City*, de 1978, no qual, mais uma vez demonstrou a importância da geografia para a prática e pensamento anarquistas. A maioria dos escritos de Ward concentraram-se em temas como planejamento urbano e de moradia, nos quais criticou os modos pelos quais as pessoas cuidam e provêm a si mesmas. Proudhon e Kropotkin exerceram clara influência nas soluções propostas por Bookchin e Ward, com recomendações filosóficas lastradas na autonomia e em formas não hierarquizadas de solidariedade que superam métodos autoritários de organização sócioespacial<sup>28</sup>.

## A presença do anarquismo na Geografia Radical

No despertar da chamada “revolução quantitativa”, alguns geógrafos começaram a notar correntes anarquistas



para fora e nas margens desta disciplina. A publicação do primeiro número da revista *Antipode: A Radical Journal of Geography* anunciou a chegada de uma nova ética na geografia humana que não se preocupava somente com os modelos da estocástica<sup>29</sup>, estatística inferencial e econometria, mas com as abordagens qualitativas que situavam a experiência vivida de seres humanos como centro de seu foco metodológico. As geografias positivistas foram criticadas por serem apenas uma versão, dentro de uma grande variedade, de outras possibilidades de conhecer e de ser no mundo, limitadas em sua própria perspectiva e restritas por métodos de pesquisa que preestabeleciam quais questões valiam a pena ser formuladas e investigadas<sup>30</sup>.

Nesse contexto, críticas marxistas e feministas rapidamente encontraram um lugar dentro de uma nova geografia radical. O anarquismo também teve um importante papel em sua fundação, uma vez que a crítica epistemológica que a geografia radical oferecia em muitos sentidos se espelhava nas análises anarquistas sobre o Estado, que era interpretado como apenas uma forma possível de organização dentro de um número infinito de arranjos espaciais alternativos. Talvez não surpreenda, portanto, que Richard Peet, editor e fundador da *Antipode*, se inspirasse tanto em Kropotkin, defendendo que a geografia radical deveria adotar seu anarco-comunismo como ponto de partida<sup>31</sup>. A obra de Kropotkin foi igualmente assimilada por Myrna Breitbart<sup>32</sup> que argumentava contra as privações enfrentadas pela maioria das pessoas por meio de uma leitura das paisagens humanas, vistas como injustas favorecedoras de uma minoria privilegiada, ao invés de visar estabelecer princípios que beneficiariam a todos.



Alguns anos depois, Breitbart organizou um número especial sobre anarquismo e meio ambiente para a *Antipode*, colocando as ideias anarquistas explicitamente no centro da geografia radical<sup>33</sup>. Este número mostrou a crescente influência do pensamento e prática anarquistas na geografia, assim como a influência da geografia no anarquismo. O volume incluiu uma análise da coletivização do trabalho e das práticas espaciais durante a Revolução Espanhola<sup>34</sup>, acrescentando como tais impulsos organizacionais alternativos influenciaram uma nova geração de libertarianismo na política espanhola contemporânea. Os trabalhos realizados em uma comunidade anarquista em Paterson, New Jersey, por volta de 1900, também foram apresentados detalhadamente, o que permitiu aos leitores fazer algumas comparações com o caso espanhol. Reclus e Kropotkin receberam destaque neste número da revista, enquanto Dunbar trouxe a importância da visão geográfica de Reclus sobre a liberdade<sup>35</sup>. No mesmo número, Horner elucidou as implicações da anarco-geografia de Kropotkin na organização espacial das cidades<sup>36</sup>, enquanto Peet explorou a ética da obra de Kropotkin em relação à espacialidade social da descentralização como meio para se alcançar a geografia da libertação humana<sup>37</sup>.

O ensaio de Kropotkin “What geography ought to be”<sup>38</sup> também foi reimpresso neste número especial, com a inclusão de texto “Ecology and revolutionary thought”<sup>39</sup>, de Bookchin, que ressaltava o valor duradouro de escritos anarquistas e a sua relevância para o pensamento da geografia radical que emergia na época.

O boletim da estadunidense União dos Geógrafos Socialistas ainda publicou uma pequena sessão temática sobre as geografias anarquistas em 1978, resultado de



um breve grupo de estudos composto por estudantes e membros da faculdade que aconteceu em dez semanas na Universidade de Minnesota, em 1976. A sessão incluiu um ensaio de abertura que analisa e critica algumas obras chaves de Kropotkin, Ward e Bookchin, dentre outros autores, lidos durante o grupo de Minnesota<sup>40</sup>; um artigo que procura lembrar os leitores “quão ignorantes e temerosos são os nossos colegas e amigos em relação às ideias [anarquistas]” e delinear algumas possíveis direções futuras para o estudo do anarquismo por uma perspectiva geográfica; um texto que analisa o nível em que a organização anarquista seria (im)possível dada a escala de complexidade das relações sociais contemporâneas e suas formas econômico-políticas<sup>41</sup>. Ainda que o número temático tivesse um público e uma duração restritos, dado o seu *status* de boletim, isso mostra o forte interesse que se constituía em torno do anarquismo entre os geógrafos radicais na época. O grupo de Minnesota e os esforços da *Antipode* denotam importantes momentos de reflexão e apontam para um sentimento de otimismo com relação ao potencial das ideias anarquistas em revigorar a prática coletiva da geografia, que voltava sua atenção, cada vez mais, para a justiça social. Infelizmente, esses crescentes encontros entre os primeiros geógrafos radicais e o anarquismo tiveram uma vida curta. Rapidamente foram encobertos pelos abundantes esforços dos que trabalhavam no interior das escolas críticas marxistas e feministas.

Nos anos 1980, houve uma redução significativa dos escritos anarquistas na geografia. Possíveis explicações para esse retrocesso são o otimismo silenciado e o declínio da chamada Nova Esquerda (*New Left*), que coincidiu com a ascensão do thatcherismo no Reino Unido e a



*Reganomics*<sup>42</sup> nos Estados Unidos. No entanto, na mesma década em que o neoliberalismo realmente começou a mostrar suas garras, foi também publicado o livro magistral de Bookchin, *The Ecology of freedom* em que ele procurou unir sua visão da dominação da natureza com a hierarquia social, costurando, em uma única narrativa, temas políticos, antropológicos, psicológicos, científicos e geográficos. Com a entrada da globalização no léxico para se tornar a palavra da vez da década, os acontecimentos políticos dos anos 1980 começaram a produzir algumas reflexões internas à geografia. Importantes geógrafos do passado, como Halford Mackinder, Ellen Churchill Semple, Ellsworth Huntington, Isaiah Bowman e Thomas Holdich, não foram poupados por Mac Laughlin<sup>43</sup>, que afirmava que suas obras haviam contribuído para a persistência do etnocentrismo e do estatocentrismo no interior da geografia. Kropotkin e Reclus foram invocados, mais uma vez, para convidar os geógrafos a abandonar os preconceitos herdados pela disciplina e começar a explorar alternativas ao Estado.

Os anos 1990 não alteraram muito a quantidade de geógrafos interessados nas conversações com o anarquismo. Ainda assim, essa aproximação não cessou. Explorando ativamente o potencial das geografias anarquistas, Cook e Pepper apresentam uma importante exceção ao organizarem um número especial na revista de breve existência intitulada *Contemporary Issues in Geography and Education*<sup>44</sup>, em que o legado de Kropotkin foi redescoberto mais um vez<sup>45</sup>. O mesmo se deu acerca da relevância de Emma Goldman para o estudo geográfico<sup>46</sup>, ao se explorar as espacialidades de comunas anarquistas e experiências comunitárias. Naquela década,



Ward e Brietbart trouxeram outras contribuições sobre as potencialidades do anarquismo na vida urbana<sup>47</sup>. De outra parte, o conceito de “antigeopolítica” de Routledge<sup>48</sup> começou a preencher a lacuna anarquista na literatura geográfica no final dos anos 1990. Apesar de nunca ter vinculado explicitamente seu conceito ao anarquismo, seu foco na luta contra-hegemônica e a “reivindicação de independência permanente do Estado”<sup>49</sup> têm enorme consonância com as ideias anarquistas.

### As novas geografias anarquistas

No ânimo da busca por novas formas de organização, as geografias anarquistas têm se revitalizado nos últimos tempos ao enfatizar o *ethos* do “faça você mesmo” (DIY, na expressão em inglês) enquanto autonomia, ação direta, democracia radical e a não-mercantilização das relações sociais. Tomando parte no potencial radical da cultura DIY, Halfacree afirma que tal perspectiva serve como um caso importante para se pensar na complementaridade entre teoria e prática, conforme exemplificam as discussões sobre a ocupação de áreas abandonadas<sup>50</sup>. De modo similar, o *Coletivo Trapese* também ressaltou, em uma perspectiva anarquista, a importância de uma abordagem DIY à geografia cotidiana para transformar nossas vidas<sup>51</sup>. De outra parte, Chatterton se posicionou em favor das ocupações como prática espacial legítima para se tomar o controle da própria vida<sup>52</sup>. No interior dessas considerações há, decididamente, um foco autonomista de clara inspiração anarquista e, particularmente, da noção de “zonas autônomas temporárias” de Hakim Bey<sup>53</sup>, compreendidas como espaços efêmeros que surgem em



resposta a ações sociopolíticas que escapam de estruturas formais do controle hierárquico.

Pickerill e Chatterton adotaram uma abordagem similar quando da análise do que nomearam como “geografias autônomas”, numa tentativa de se pensar como os protestos espetaculares e a vida cotidiana podem ser combinados produtivamente para possibilitar alternativas ao capitalismo<sup>54</sup>. As geografias autônomas foram, certamente, concebidas em um sentido anarquista, na medida em que são consideradas espaços em que se destaca o desejo de constituir formas de afinidade e solidariedade coletivas não capitalistas e antinormativas. A ressonância com o trabalho de Routledge não passa despercebida, uma vez que sua noção de “espaços de convergência”, enquanto suporte conceitual, contempla como as redes e ativistas de base se unem por meio de uma ação política em múltiplos níveis para produzir uma ética relacional de luta inspirada em uma ampla perspectiva anarquista.

Nessas reflexões, uma tática explicitamente anarquista de ação direta é defendida explícita ou implicitamente. Outros geógrafos também atentaram para a questão da ação direta, reconhecendo as manifestas implicações geográficas dessa forma de ativismo político<sup>55</sup>. Ao mesmo tempo, a recente etnografia da ação direta realizada pelo antropólogo David Graeber<sup>56</sup> tem muitas ressonâncias com a teoria geográfica contemporânea e sua tendência contínua para liberar as visões epistemológicas e ontológicas da ilusão da objetividade desinteressada. A ação direta como método envolve um compromisso político apaixonado com a nossa área de estudos, um “enlace afetivo” dos atores que lutam contra a dominação, e uma vontade de resistir ao lado deles<sup>57</sup>.



A própria geografia da ação direta se desenrola tipicamente no espaço público e, ao criticar o enfoque punitivista e tecnocrático com que as reformas neoliberais lidam com formas não-hierárquicas e não-institucionais de engajamento político, publiquei uma abordagem anarquista para chamar atenção para uma radicalização mais abrangente da democracia<sup>58</sup>. Preocupações similares em relação ao espaço público são destacadas no trabalho de anarquistas como Jeff Ferrel<sup>59</sup> e Randal Amster<sup>60</sup>. Ambos incorporam um ativismo não-violento em suas tentativas de resistir à reação das forças que estabelece uma dada ordem urbana e a contínua criminalização dos moradores de rua. Um apelo à não-monetarização está presente em grande parte dessa recente produção, sendo abertamente adotada por Carlsson por meio do conceito de “nowtopia” (“agoratópia”)<sup>61</sup>, referente ao potencial utópico presente no momento em que se abandona o capitalismo na vida cotidiana.

Enquanto tais críticas radicais são novidades na atual conjuntura, em que o capitalismo representa uma poderosa prisão conceitual que busca fixar uma única maneira de ser no mundo, meu recente trabalho mostra precedentes históricos e contemporâneos ao traçar paralelos entre a perspectiva anarquista de não-mercantilização e as práticas tradicionais de uso da terra entre povos rurais e indígenas, em especial cambojanos. Ao criticar os despejos forçados como uma forma especialmente cruel de acumulação primitiva no Camboja, adotei uma leitura proudhoniana da propriedade que coloca o anarquismo como a única forma significativa de pós-colonialismo até o momento, na medida em que reconhece a autoridade, as hierarquias e a violência do Estado moderno como equivalentes às do Estado colonial<sup>62</sup>.



Inspirados pelo permanente poder analítico e potencial transformador das teorias e práticas anarquistas, dois números especiais sobre geografias anarquistas foram publicados recentemente nas revistas *Antipode*<sup>63</sup> e *ACME*<sup>64</sup>. As publicações reúnem uma vasta gama de perspectivas anarquistas, discussões teóricas e abordagens práticas, ao passo que a última inclui tentativas de conectar geografias anarquistas e geografias marxistas autonomistas<sup>65</sup>. Outros temas que aparecem nestes números são: a territorialidade perspectiva anarquista como conceitualização emancipatória ao reimaginar os espaços pela via do que Ince chama de “políticas prefigurativas”<sup>66</sup>; uma crítica à prática de resistência do *dumpster diving*<sup>67</sup> e às causas de sua permanência, ao menos parcialmente, imiscuída no capitalismo<sup>68</sup>; e uma reinterpretação das paisagens econômicas existentes, na qual a ajuda mútua pode ser vista como parte integral dos atuais modos de organização, demonstrando como as geografias anarquistas influenciam os efetivos padrões cotidianos da atividade humana<sup>69</sup>.

Ferrel desenvolve uma “teoria geográfica da deriva” pela qual os grupos deixados à deriva pelo neoliberalismo num mar de alienação, expulsões políticas, remoções forçadas e marginalização, podem usar as táticas anarquistas para se aproximar, e assim desfazer a prescrita ordem espaço-política<sup>70</sup>. No mesmo número especial de *ACME*, Heynen e Rhodhes apontam para a influência da organização político-social proveniente da era da luta pelos direitos civis nos EUA na formação de um “anarquismo negro”, e como ambos contribuíram para possibilidades e políticas antiautoritárias<sup>71</sup>. Considerando as geografias indígenas e anarquistas, ao mesmo tempo em harmonia e dissonância, Barker e Pickerill<sup>72</sup> encorajam ativistas a complementar, no lugar de tentar replicar, as relações dos indígenas com



o espaço, permitindo, desta maneira, alianças mais fortes. Clough se volta às atuais práticas de organização anarquista, analisando as “estruturas afetivas” da política radical, nas quais a luta social se dá tanto pela ação direta quanto pelo princípio afetivo-organizacional da afinidade, um campo de interação que se torna, ele mesmo, foco da contestação política<sup>73</sup>.

Rouhani escreveu artigos sobre como abordagens pedagógicas na geografia podem, potencialmente, unir-se às ideias anarquistas para reimaginar a paisagem educacional e oferecer um mapeamento das conexões entre geografias anarquistas e *queer*<sup>74</sup>. Purcell critica a hipótese de Day<sup>75</sup> de que o anarquismo não teria sido levado a sério entre acadêmicos radicais, argumentando que, pelo menos no que se refere à geografia radical, as influências de Foucault, Deleuze e Guattari disseminaram uma forte sensibilidade “anárquica”, mesmo que ela não seja imediatamente reconhecida como anarquista<sup>76</sup>. Esse mesmo número especial da *Antipode* incluiu, ainda, meu manifesto por uma geografia anarquista, que exorta os geógrafos a confrontarem o momento atual de hegemonia neoliberal, explorando o sólido potencial das práticas anarquistas no pensamento geográfico, não somente revisitando as raízes radicais da disciplina em Kropotkin e Reclus, mas introduzindo ativamente as críticas anarquistas nos novos e emergentes domínios da pesquisa geográfica<sup>77</sup>. A constatação óbvia desses dois números especiais de revistas especializadas é a de que as geografias anarquistas estão, mais uma vez, em evidência.

## Conclusão

Como testemunho do legado duradouro de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, ambos foram inseridos, em 2009, na



*International Encyclopedia of Human Geography*, enquanto suas visões acerca da liberdade continuam a ser invocadas por geógrafos contemporâneos. Por exemplo, ao empregar a teoria de Kropotkin sobre o apoio mútuo, Huston utilizou uma abordagem explicitamente geográfica na revista *Anarchist Studies* para chamar a atenção dos anarquistas sobre a importância de focar a dimensão do espaço<sup>78</sup>. Hewitt, por sua vez, trouxe um pouco do tão necessário reconhecimento público ao trabalho de Kropotkin ao escrever uma nota dirigida à Associação Canadense dos Geógrafos (*Canadian Association of Geographers*), na qual explora a relevância do compromisso de Kropotkin com os vulneráveis num contexto de continuada violência estatal e violação dos direitos humanos<sup>79</sup>. Kearns examina como a progressista imaginação geográfica de Kropotkin contrasta ferozmente com a visão colonial de Halford Mackinder<sup>80</sup>, sugerindo que anarquismo e imperialismo “são os pivôs políticos em torno dos quais as geografias de contestação foram organizadas”<sup>81</sup> no final do século XIX.

Mais recentemente, Ferreti chamou a atenção para a enorme coleção de correspondências entre Reclus e Kropotkin que é mantida pelo Arquivo Estatal da Federação Russa, destacando a importância dessas cartas para que os geógrafos históricos contemporâneos possam compreender melhor as relações entre geografia, política e educação pública, assim como para que os geógrafos heterodoxos assumam seu papel na construção do conhecimento geográfico<sup>82</sup>. Tal atenção renovada a estas figuras históricas deve ser, obviamente, celebrada como indício da viva ressonância do trabalho de ambos na geografia mais de um século após suas mortes. Entretanto, o que agora é necessário não é simplesmente uma visão



sobre o passado, mas uma visão em direção ao futuro, em que o foco no desenvolvimento de uma teoria relativa às *geografias anarquistas* e as correntes investigações sobre as *geografias do anarquismo* possa trazer novo fôlego às potentes contribuições do anarquismo à geografia e vice-versa. Esse trabalho já está em curso, e os recentes números especiais sobre geografias anarquistas na *Antipode* e *ACME* são boas indicações de que o anarquismo segue como uma teoria política relevante e uma abordagem viável para pensar e praticar a geografia<sup>83</sup>. No entanto, há muito ainda por fazer.

Uma gama de tema contemporâneos — os levantes da Primavera Árabe e o movimento do Occupy Wall Street, o espetáculo do teatro de rua, passeios ciclísticos da *Critical Mass*<sup>84</sup>, intervenções urbanas de *radical samba*<sup>85</sup>, festas do *Reclaim the Streets*<sup>86</sup>; a resistência subversiva dos *monkey-wrenching*<sup>87</sup>, *tree-sitting*<sup>88</sup>, ocupações de telhados e *culture jammings*<sup>89</sup>; às escolhas de estilos de vida de *dumpster diving*, *unschooling* (educar as crianças fora da escola), e ocupações de edifícios abandonados; as atividades de ajuda mútua de cooperativas de *child-minding* (cuidado coletivo de crianças), cozinhas e jardins comunitários, construções coletivas e *freecycling* (trocas de produtos); as organizações que viabilizam micro emissoras de rádio, centros para uso coletivo de equipamentos eletrônicos (*infoshops*), feiras de livros, e veículos de mídia independente (*Indymedia*) — têm, decididamente, implicações espaciais, e cada um pode se beneficiar das análises que empregam uma perspectiva explicitamente anarco-geográfica.

Da mesma forma, de um ponto de vista mais teórico, o anarquismo tem muito a contribuir para potencializar o saber geográfico em temas como: teoria do Estado e soberania, acumulação de capital, direito à terra e relações



de propriedade, gentrificação, falta de moradia e habitação, justiça ambiental e sustentabilidade, reestruturação industrial e geografia do trabalho; policiamento, medo do crime e geografia legal crítica; transformação agrária e a questão dos sem-terra; design e estética urbana; geopolítica crítica e antigeopolítica; geografias além da referência exclusiva aos seres humanos (“*more-than-human geographies*”); ativismo e justiça social, geografias da dívida e da crise econômica; comunidade, pertencimento e a política do lugar em que se vive; geografias da guerra e da paz; planejamento comunitário e participação; economia informal, subsistência e vulnerabilidade; imperialismo cultural e política de identidade; biopolítica e governamentalidade; geografias pós-coloniais e pós-desenvolvimentistas; saberes locais e epistemologias alternativas; e as inúmeras implicações das relações espaço-sociais... Todas parecem adequar-se perfeitamente a uma abordagem anarquista, a partir da qual novas perspectivas e agendas de pesquisa podem emergir.

Aos geógrafos, uma das direções potencialmente mais interessantes para a revitalização do anarquismo no campo da teoria geográfica está no trabalho junto ao que se tem chamado de “pós-anarquismo”<sup>90</sup> e sua tentativa em unir os pensamentos pós-estruturalista e anarquista. Meu próprio trabalho<sup>91</sup> tem explorado essa abordagem, ao se aproximar de noções do pós-anarquismo de uma perspectiva geográfica; todavia, há muito espaço, ainda, para que mais geógrafos entrem nessa conversação.

A simples constatação inicial da variedade de tópicos com as quais os geógrafos poderiam potencialmente se envolver em uma perspectiva anarquista mostra que a disciplina da geografia pode ser, de fato, altamente indisciplinada. Ao longo dos anos, essa tem sido a



motivação para muita desconfiança e certo sentimento de inferioridade por parte de geógrafos — fato que impulsionou movimentos como a chamada “revolução quantitativa”, que nada mais foi do que uma tentativa de tomar as rédeas da geografia, a fim de que ela se adequasse à predominante ordem científica das coisas<sup>92</sup>.

No entanto, em tempos nos quais críticas marxistas, feministas e pós-estruturalistas ganharam espaço na teoria geográfica contemporânea, muitos geógrafos têm reconhecido que tal abertura a influências e conversas com outras áreas de conhecimento, longe de serem fraquezas da geografia, deveriam ser encaradas como uma de suas grandes potências. Enquanto estudante de graduação, foi a versatilidade irrestrita da disciplina que primeiro me atraiu. Para mim, empregar uma abordagem geográfica sempre significou que eu era livre para explorar quaisquer que fossem meus interesses, sem ter que me conformar a um modo particular de fazer as coisas. Minhas experiências como estudante deixaram uma firme noção de que a geografia não se referia tanto a reinscrever fronteiras, reforçar territórios e reificar demarcações, mas interrogar criticamente os limites da nossa imaginação geográfica de modo a nos liberar dos espaços circunscritos em nossa própria coletividade. Assim, enquanto a “geografia da liberdade” esteve no centro da teoria anarquista no passado<sup>93</sup>, no presente, é a “liberdade da geografia” que posiciona a disciplina enquanto espaço ideal para explorar a contínua relevância e potencial do pensamento e da prática anarquistas.

Tradução do inglês por Thiago Rodrigues e Eliane Knorr de Carvalho.



## Notas

<sup>1</sup> Piotr Kropotkin. "What geography ought to be" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 10, 1978, pp. 6-15.

<sup>2</sup> Brian Morris. *Kropotkin: the politics of community*. Amherst, Humanity Books, 2003.

<sup>3</sup> Marie Fleming. *The geography of freedom: the odyssey of Elisée Reclus*. Montreal, Black Rose, 1996.

<sup>4</sup> A expressão New Left refere-se ao grupo formado em torno da publicação New Left Review (N. E.).

<sup>5</sup> Vera Chouinard. "Reinventing radical geography: is all that's left right? Environment and Planning D" in *Society and Space*, n. 12, 1994, pp. 2-6; Richard Peet. "The development of radical geography in the United States" in *Progress in Human Geography*, n. 1, 1977, pp. 240-263.

<sup>6</sup> Anthony Ince. *Organizing anarchy: spatial strategy, prefiguration, and the politics of everyday life*. PhD Dissertation. Queen Mary, Department of Geography, University of London, 2010.

<sup>7</sup> Alisson Blunt e Jane Wills. *Dissident geographies: an introduction to radical ideas and practice*. London, Pearson Education, 2010.

<sup>8</sup> Harold Barclay. *People without government: an anthropology of anarchy*. London, Kahn & Averill, 1982.

<sup>9</sup> Robert Graham (ed.). *Anarchism: a documentary history of libertarian ideas: volume 1, from anarchy to anarchism (300 CE to 1939)*. Montreal, Black Rose Books, 2005; Peter Marshall. *Demanding the impossible: a history of anarchism*. London, Harper Collins, 1992.

<sup>10</sup> Mitchell Verter. "The anarchism of the other person" in Nathan Jun e Shane Wahl. (eds). *New perspectives on anarchism*. Lanham, Lexington, 2010, pp. 67-83.

<sup>11</sup> Piotr Kropotkin. *Anarchism. The encyclopædia Britannica*. Edinburgh. Encyclopedia Britannica, 2010. Inc. Disponível em: [http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist\\_archives/kropotkin/britanniaanarchy.html](http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist_archives/kropotkin/britanniaanarchy.html).

<sup>12</sup> William Godwin (1756-1836) concluiu a obra *An enquiry concerning political justice and its influence on general virtue and happiness* em 1793. Dois anos depois, a reeditou com pequenas modificações, alterando o título para



## Geografias anarquistas: uma breve genealogia

*An enquiry concerning political justice and its influence on moral and happiness.* Em **verve** 5 publicamos uma tradução inédita ao português do Livro VII de *Enquiry*, intitulado “De crimes e punições” (N. E.).

<sup>13</sup> Marshall, 1992, op. cit..

<sup>14</sup> Daniel Guerin, D. *No Gods, no masters: an anthology of anarchism.* Oakland, AK Press, 2005.

<sup>15</sup> Mikhail Bakunin. *Statism and anarchy.* Cambridge, Cambridge University Press, 2002.

<sup>16</sup> Julian P. W. Archer. *The first international in France, 1864–1872: its origins, theories, and impact.* Lanham, University Press of America, 1997.

<sup>17</sup> Gary Dunbar. “Elisée Reclus, geographer and anarchist” in *Antipode: A Radical Journal of Geography.* England e Wales, The Antipode Foundation, n. 10, 1978, pp. 16-21.

<sup>18</sup> A obra foi publicada em dezenove volumes, entre 1875 e 1893 (N. T.).

<sup>19</sup> John P. Clark e Camille Martin (eds.). *Anarchy, geography, modernity: the radical social thought of Elisée Reclus.* Oxford, Lexington.

<sup>20</sup> Victoria Lawson. “Instead of radical geography, how about caring geography?” in *Antipode: A Radical Journal of Geography.* England e Wales, The Antipode Foundation, n. 41, 2009, pp. 210-213.

<sup>21</sup> Marie Fleming, 1996, op. cit.; Marshall, 1992, op. cit..

<sup>22</sup> Brian A. Dominick. *Animal liberation and social revolution: a vegan perspective on anarchism or an anarchist perspective on veganism.* Syracuse, Critical Mess Media, 1995.

<sup>23</sup> Bob Galois. “Ideology and the idea of nature: the case of Peter Kropotkin” in *Antipode: A Radical Journal of Geography.* England e Wales, The Antipode Foundation, n. 8, 1976, pp. 1-16.

<sup>24</sup> Alix Shulman (ed.). *Red Emma speaks: An Emma Goldman reader.* Amherst, Humanity Books, 1996.

<sup>25</sup> Idem, p. 233.

<sup>26</sup> David Porter (ed.). *Vision on fire: Emma Goldman on the Spanish Revolution.* Oakland, AK Press, 2006.



<sup>27</sup> Chris Ealham. *Anarchism and the city: the revolution and counter-revolution in Barcelona*. Oakland, AK Press, 2010.

<sup>28</sup> Damian White e Chris Wilbert (eds.). *Autonomy, solidarity, possibility: the Colin Ward reader*. Oakland, AK Press, 2011.

<sup>29</sup> O autor refere-se ao uso de teorias probabilísticas na Geografia, baseada na análise de eventos aleatórios. Mapeamentos estocásticos envolvem cálculos complexos que combinam elementos determinísticos com outros contingenciais, empregados para o estudo de marés, correntes marítimas, regime de ventos e conformação topográfica de paisagens (N. E.).

<sup>30</sup> Galois, 1976, op. cit., pp. 1-16.

<sup>31</sup> Richard Peet. "For Kropotkin" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 7, 1975, pp. 42-43.

<sup>32</sup> Myrna Breitbart. "Impressions of an anarchist landscape" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 7, 1975, pp. 44-49.

<sup>33</sup> Myrna Breitbart. "Anarchist decentralism in rural Spain, 1936-1939: the integration of community and environment" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 10, 1978, pp. 83-98

<sup>34</sup> Jon Amsden. "Industrial collectivization under workers' control: Catalonia, 1936-1939" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*, n. 10, 1978, pp. 99-114; Myrna Breitbart. "Introduction" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*, n. 10, pp. 1-5; Maria Dolores Garcia-Ramon. "The shaping of a rural anarchist landscape: contributions from Spanish anarchist theory" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 10, 1978, pp. 71-82.

<sup>35</sup> Gary Dunbar, 1978, op. cit., pp. 16-21.

<sup>36</sup> G. Horner. "Kropotkin and the city: the socialist ideal in urbanism" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 10, 1978, pp. 33-45.

<sup>37</sup> Richard Peet. "The geography of human liberation" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 10, 1978, pp. 119-134.



## Geografias anarquistas: uma breve genealogia

<sup>38</sup> Piotr Kropotkin. "What geography ought to be" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 10, 1978, pp. 6-15.

<sup>39</sup> Murray Bookchin. "Ecology and revolutionary thought" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 10, 1978, p. 21.

<sup>40</sup> M. Lauria. "The anarchist seminar?" in *USG Newsletter – Union of Socialist Geographers*, n.3, 1978, pp. 2-6.

<sup>41</sup> P.W. Porter. "Anarchyecture for our time" in *USG Newsletter – Union of Socialist Geographers*, n. 3, 1978, pp. 10-14.

<sup>42</sup> O termo alude à política econômica adotada pelo então presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, no anos 1980 (N. T.).

<sup>43</sup> Jim Mac Laughlin. "State-centered social science and the anarchist critique: ideology in political geography" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 18, 1986, pp. 11-38.

<sup>44</sup> Ian Cook e David Pepper. "Editorial: anarchism" in *Contemporary Issues in Geography and Education*. London, The Association, n. 3, 1990, pp. 5-8.

<sup>45</sup> Ian Cook. "Anarchist alternatives: an introduction" in *Contemporary Issues in Geography and Education*. London, The Association, n. 3, 1990, pp. 9-21; David Pepper. "Geography and the landscapes of anarchistic visions of Britain: the example of Morris and Kropotkin" in *Contemporary Issues in Geography and Education*. London, The Association, n. 3, 1990, pp. 63-79.

<sup>46</sup> J. Newman. "Emma Goldman: anarcho-feminist" in *Contemporary Issues in Geography and Education*. London, The Association, n. 3, 1990, pp. 27-30.

<sup>47</sup> Colin Ward. "An anarchist looks at urban life" in *Contemporary Issues in Geography and Education*. London, The Association, n. 3, 1990, pp. 80-93; Myrna Breitbart. "Calling up the community: exploring the subversive terrain of urban environmental education" in *Contemporary Issues in Geography and Education*. London, The Association, n. 3, 1990, pp. 94-112.

<sup>48</sup> Paul Routledge. "Anti-geopolitics: introduction" Gerard Toal, Simon Dalby e Paul Routledge (eds.). *The geopolitics reader*. London, Routledge, 1998, pp. 245-255.

<sup>49</sup> Idem, p. 245.



<sup>50</sup> Keith Halfacree. "Anarchy doesn't work unless you think about it': intellectual interpretation and DIY culture" in *Area*. London, Royal Geographical Society, n. 31, 1991, pp. 209-320.

<sup>51</sup> Trapeze Collective. *Do it yourself: a handbook for changing the world*. London, Pluto, 2007.

<sup>52</sup> Paul Chatterton. "Squatting is still legal, necessary and free. A brief intervention in the corporate city" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 34, 2002. pp. 1-7.

<sup>53</sup> Hakim Bey. *T.A.Z.: the temporary autonomous zone, ontological anarchy, poetic terrorism*. Brooklyn, Autonomedia, 1991.

<sup>54</sup> Jenny Pickerill e Paul Chatterton. "Notes towards autonomous geographies: creation, resistance and selfmanagement as survival tactics" in *Progress in Human Geography*. Australia, University of Wollongong, n. 30, 2006, pp. 730-746.

<sup>55</sup> Jon Anderson. "Spatial politics in practice: the style and substance of environmental direct action" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 36, 2004, pp. 106-125; Nik Heynen. "Cooking up non-violent civil-disobedient direct action for the hungry: 'Food Not Bombs' and the resurgence of radical democracy in the US" in *Urban Studies*. Manchester, Manchester Metropolitan University, n. 47, 2010, pp. 1225-1240.

<sup>56</sup> David Graeber. *Direct action: an ethnography*. Oakland, AK Press, 2009.

<sup>57</sup> The Autonomous Geographies Collective. "Beyond scholar activism: making strategic interventions inside and outside the neoliberal university" in *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, n. 9, 2010, pp. 245-275.

<sup>58</sup> Simon Springer. "Public space as emancipation: meditations on anarchism, radical democracy, neoliberalism, and violence" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 43, 2011, pp. 525-562.

<sup>59</sup> Jeff Ferrell. *Tearing down the streets: adventures in urban anarchy*. New York, Palgrave, 2001.

<sup>60</sup> Randall Amster. *Lost in space: the criminalization, globalization, and urban ecology of homelessness*. El Paso, LFB Scholarly Publishing, 2008.

<sup>61</sup> Chris Carlsson. *Nowtopia: how pirate programmers, outlaw bicyclists, and vacalt-lot gardeners are inventing the future today!* Oakland, AK Press, 2008;



## Geografias anarquistas: uma breve genealogia

Chris Carlsson e F. Manning. “Nowtopia: strategic exodus?” in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 42, 2010, pp. 924-953.

<sup>62</sup> Simon Springer. “Violent accumulation: a postanarchist critique of property, dispossession, and the state of exception in neoliberalizing Cambodia” in *Annals of the Association of American Geographers*, n. 103, doi: 10.1080/00045608.2011.628259, 2013.

<sup>63</sup> Simon Springer. “Reanimating anarchist geographies: a new burst of color” in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 44, 2012, pp. 1591-1604.

<sup>64</sup> Nathan Clough e Renata Blumberg. “Toward anarchist and autonomist Marxist geographies” in *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*. *ACME Editorial Collective*, n. 11, 2012, pp. 335-351.

<sup>65</sup> Pierpaolo Mudu. “At the intersection of anarchists and autonomists: Autogestioni and Centri Sociali” in *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*. *ACME Editorial Collective*, n. 11, 2012, pp. 230-245.

<sup>66</sup> Anthony Ince. “In the shell of the old: anarchist geographies of territorialisation” in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 44, 2012, pp. 1645-1666.

<sup>67</sup> *Dumpster diving* é o nome dado à prática de vasculhar lixeiras tendo como objetivo recuperar o que pode ser aproveitado para evitar o desperdício, podendo também ser utilizado no vasculhamento de lixeiras para se obter informações importantes (N. T.).

<sup>68</sup> Nicholas Jon Crane. “Are ‘other spaces’ necessary? Associative power at the dumpster” in *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*. *ACME Editorial Collective*, n. 11, 2012, pp. 352-372.

<sup>69</sup> Richard White e Collin Williams. “The pervasive nature of heterodox economic spaces at a time of neo-liberal crisis: towards a ‘post-neoliberal’ anarchist future” in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 44, 2012, 1625-1644.

<sup>70</sup> Jeff Ferrell. “Anarchy, geography and drift” in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 44, 2012, pp. 1687-1704.

<sup>71</sup> Nik Heynen e Jason Rodhes. “Organizing for survival: from civil Rights



movement to Black anarchism through the life of Lorenzo Kom'boa" in *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*. *ACME Editorial Collective*, n. 11, 2012, pp. 393-412.

<sup>72</sup> Adam Barker e Jenny Pickerill. "Radicalizing relationships to and through shared geographies: why anarchists need to understand indigenous connections to land and place" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 44, 2012, pp. 1705-1725.

<sup>73</sup> Nathan Clough. "Emotion at the center of radical politics: on the affective structures of rebellion and control" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 44, 2012, pp. 1667-1686.

<sup>74</sup> F. Rouhani. "Anarchism, geography, and queen space-making: building bridges over chasms we create" in *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*. *ACME Editorial Collective*, n. 11, 2012, pp. 373-392.

<sup>75</sup> Richard Day. *Gramsci is dead: anarchist currents in the newest social movement*. Ann Arbor, Pluto, 2005.

<sup>76</sup> M. Purcell. "Gramsci is not dead: for a 'both /and' approach to radical geography" in *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*. *ACME Editorial Collective*, n. 11, 2012, pp. 512-524.

<sup>77</sup> Simon Springer. "Anarchism! What geography still ought to be" in *Antipode: A Radical Journal of Geography*. England e Wales, The Antipode Foundation, n. 44, 2012, pp. 1605-1624.

<sup>78</sup> Shaun Huston. "Kropotkin and spatial social theory: unfolding an anarchist contribution" in *Anarchist Studies*. London and New York, Continuum, n. 5, 1997, pp.109-130.

<sup>79</sup> Ken Hewitt. "Between Pinochet and Kropotkin: state terror, human rights and the geographers" in *Canadian Geographer*. Canadá, Nadine Schuurman, n. 45, 2001, pp. 338-355.

<sup>80</sup> Kearns, G. "The political pivot of geography" in *The Geographical Journal*. London, Royal Geographical Society, n. 170, 2004, pp. 337-346.

<sup>81</sup> Idem, p. 337.

<sup>82</sup> Federico Ferretti. "The correspondence between Elisée Reclus and Piotr Kropotkin as a source for the history of geography" in *Journal of Historical Geography*. London e Louisiana, n. 37, 2011, pp. 216-222.

<sup>83</sup> Nathan Clough e Renata Bloomberg, 2012, op.cit.



## Geografias anarquistas: uma breve genealogia

<sup>84</sup> As *Critical Mass Ridings* são grandes passeios ciclísticos mensais que acontecem em dezenas de cidades do planeta. A primeira edição ocorreu em São Francisco, EUA, em 1992. Não se trata de um movimento social, tampouco conta com uma organização rígida ou autorizações oficiais. São convocadas pelas chamadas mídias sociais e, em clima festivo, praticam a ocupação do espaço público e das ruas em protestos contra a gentrificação, a violência contra moradores de rua, o uso de automóveis dentre outras causas (N. E.).

<sup>85</sup> Intervenções no espaço urbano que consistem em *happenings* nos quais pessoas combinam uma hora e lugar para um encontro com música e dança, ocupando ruas e espaços públicos (N. E.).

<sup>86</sup> Prática de ocupação de ruas e espaços públicos iniciada no Reino Unido, em 1991, como um acampamento que visava evitar a construção de uma estrada. Influenciado por princípios ecologistas, a prática do *Reclaim the Streets* (“Reivindique as Ruas”) logo foi associada a outras manifestações anticapitalistas e antiglobalização. Festas, happenings, acampamentos e ocupações de espaços públicos são planejados sem uma orientação central e convocados por meios computo-informacionais (N. E.).

<sup>87</sup> Prática de sabotagem contra empreendimentos privados ou governamentais, geralmente realizados por pequenos grupos ou individualmente, visando atrasar a realização de obras ou atrapalhar o funcionamento de empresas privadas ou estatais (N. E.).

<sup>88</sup> *Tree-sitting* é uma prática de desobediência civil que consiste em literalmente subir em árvores para sentar em seus galhos ou ao redor delas a fim de evitar que sejam cortadas ou derrubadas (N. E.).

<sup>89</sup> *Culture jamming* é uma técnica de comunicação ativista que consiste em intervir em logo marcas e símbolos de consumo de modo a subvertê-los (N. E.).

<sup>90</sup> Todd May. *The political philosophy of poststructuralist anarchism*. University Park, Penn State University Press, 1994; Saul Newman. *The politics of postanarchism*. Edinburgh, Edinburgh University Press, 2010; Duane Rousselle e Süreyya Evren (eds.). *Post-anarchism: a reader*. London, Pluto, 2012.

<sup>91</sup> Simon Springer, 2012, op. cit., pp. 1605-1624; Simon Springer, 2013, op. cit..

<sup>92</sup> Trevor Barnes. “Quantitative revolution” in Rob Kitchen e Nigel Thrift (eds.). *International encyclopedia of human geography*. Amsterdam, Elsevier, 2009, pp. 33-38.

<sup>93</sup> Marie Fleming, 1996, op. cit..



*Resumo*

*O presente artigo traça uma genealogia das geografias anarquistas numa tentativa de mostrar essa rica e tortuosa relação. O percurso começa com a geografia emancipadora de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, na passagem do século XIX para o século XX, depois recuperada no contexto do movimento da contracultura nos anos 1960 para, décadas depois, ser redescoberta uma vez mais em meio ao despontar das lutas antiglobalização que abalaram o consenso neoliberal dos anos 1980 e 1990. Ao revisar a literatura recente sobre a relação entre anarquismo e geografia, o artigo destaca a importância das novas geografias do anarquismo focadas nos temas e desafios contemporâneos voltados à ampliação das práticas de liberdade.*

*Palavras-chave: anarquismo, geografia, práticas de liberdade.*

*Abstract*

*This paper traces a genealogy of anarchist geographies in an attempt to show this rich and tortuous relationship. The journey starts in the late 19<sup>th</sup> century and early 20<sup>th</sup> century with the emancipatory geography by Élisée Reclus and Piotr Kropotkin, later recovered in the context of the 1960s counterculture movement and decades later, once more rediscovered when the emergence of the antiglobalization struggle shook the neoliberalism consensus of the 1980s and 1990s. By reviewing the current literature on the relationship between anarchism and geography, the article points out the importance of new anarchist geographies focused on contemporary issues and challenges to enlarge practices of freedom.*

*Keywords: anarchism, geography, practices of freedom.*

***Anarchist geographies: a brief genealogy, Simon Springer.***

*Recebido em 10 de agosto de 2016. Confirmado para publicação em 05 de outubro de 2016.*